



# EDITORIAL

No retorno às aulas nos deparamos com um semestre rico em acontecimentos.

As greves no setor da saúde, tanto de funcionários quanto de médicos, permitiu vir à superfície a situação caótica da estrutura de atenção médica do país e o grau de exploração do trabalhador do setor. A luta por salários condignos esbarra na política de arrocho salarial e na repressão aos trabalhadores imposta pelo regime vigente. A luta por melhores salários entre os médicos, dada sua condição de assalariado, choca-se com o sistema empresarial da atenção médica e a posição do Estado em conservá-lo, defendendo os interesses dos empresários.

As consequências desta estrutura para o nível de atendimento à população são de conhecimento de todos. A solução do problema da prestação de atenção médica não se dará apenas através de melhorias salariais e mu-

to menos com a volta do profissional liberal, como se isso fosse possível. Faz-se necessário, desde já, que as áreas envolvidas, além de lutarem por melhores condições de vida e trabalho, levem dentro de suas instituições e aos demais setores da população a crítica à atual estrutura de atenção médica e as suas formulações para o futuro. Faz-se necessária a discussão de um Plano de Saúde e propostas no sentido de voltá-lo aos interesses da maioria da população e dos que trabalham na área.

Outro aspecto importante que ficou mais uma vez evidenciado com o agravamento da crise do HC foi a situação precária de seu funcionamento em quanto hospital escola de nossa faculdade.

E a questão de ensino não parou por aí! Mais uma vez nossa escola foi sacudida com a proposta de alguns dos nossos professores que queriam todo o 6º ano eletivo dedicado a uma só es-

pecialidade, o que contribuiria para tornar o curso de graduação mais especializante ainda. Ao mesmo tempo não propunham nada para as matérias que hoje pertencem ao último ano de nosso curso. Queriam o 6º ano só de Oftalmologia, de Otorrinolaringologia, de Ortopedia e de Clínica Médica, etc.

O fato é que muitos destes professores, mais preocupados em nos ver tocando serviço do que aprendendo medicina, não tinham os seus "camelos" que só passavam em suas clínicas em estágios optativos. E a saída encontrada foi propor a criação de um R-0 a nível de internato; já que o sexto anista se dedicaria inteiramente à área em que realizará residência.

Esta proposta não foi viabilizada para 1979, porém estes mestres prometem colocá-la em prática em 1980.

Todos os colegas, principalmente aqueles do 4º ano, devem participar do aprimoramento da estrutura didática do internato, antes de ser envia-

da a proposta de modificação à Reitoria (30 de Outubro), precavendo-se desde já das investidas daqueles que pretendem diminuir cada vez mais o nível de ensino da nossa escola.

Ainda neste semestre em Setembro, será comemorado o 65º Aniversário de fundação do CAOC. Ele deve ser um momento de fortalecimento do trabalho dos departamentos do Centro Acadêmico, de conagração de todos os colegas, e também para mais uma vez fortalecermos o caráter de representatividade e de defesa dos princípios democráticos que devem nortear nossa entidade.

O aprimoramento dessas proposições e a sua concretização, dependem da participação efetiva de um grande número de colegas. Para isso convidamos todos a participarem dia 10 de agosto 5ª feira na sala de reuniões do CAOC, de uma Reunião Geral do Centro, tanto para definição do que vai ser feito, como para divisão do trabalho a ser realizado.

## EXAME DA AMB POR QUE BOICOTÁ-LO?

Dia 17 de setembro, será realizado um exame de capacitação profissional pela Associação Médica Brasileira. Este exame, que será realizado em vários Estados do país, faz parte de uma experiência iniciada no Rio Grande do Sul, pela Associação Médica daquele Estado, cuja finalidade seria selecionar os médicos, melhorando o nível de atendimento.

Com este exame, a AMB quer recuperar o apoio da categoria médica, pois esta entidade e suas filiais vêm sofrendo um crescente desgaste. Isto devido ao fato de a AMB continuar a fazer proclamações sobre o médico de família e de consultório, categorias em extinção, ao invés de se preocupar com o progressivo assalariamento da categoria médica e com as reivindicações decorrentes desse vín-

culo empregatício.

A AMB pretende com este exame dar um diplominha aos participantes, para que eles possam melhor competir no mercado de trabalho, sendo assim uma porta aberta para o ingresso na Residência, o que o torna, praticamente, obrigatório.

Seguindo os mesmos passos deste tipo de exame, nós já temos aqui na FMUSP um exemplar muito conhecido de todos nós: o querido Exame de Suficiência. E como já sabemos também, sua implantação não contribuiu em nada para a elevação do padrão de ensino nas escolas do país e nem para a melhoria do atendimento médico, ao contrário do que afirmam seus proponentes. Por tudo isso é que nos posicionamos pelo boicote ao exame a ser realizado em setembro.



### O QUE V. DEVE SABER DE MEDICINA

1. Que de um lado tem uma porção de gente doente.
2. Que do outro têm alguns homens formados em medicina.
3. Que para manter este equilíbrio custa um dinheirão.
4. Que é mais prático ser médico que doente.
5. Que os laboratórios montam um consultório mas nunca um barraco.

### NOTA DA DIRETORIA SOBRE O BISTURI

O Bisturi retorna com este numero 3 sem ainda ter estruturado o trabalho permanente do Departamento. A carta-programa da Chapa CAOC 78 colou cava: "No Bisturi deve existir um clima de discussão de forma a enriquecer os artigos dando o critério final de aprovação do mesmo a quem o escreveu, e ao mesmo tempo incentivar a participação de um maior número de pessoas no Departamento".

Esta intenção só se tornará realidade se:

- 1- Houver reuniões semanais em dia e hora fixos para todos os interessados.
- 2- Que os colegas que venham ao Bisturi se preocupem em alimentar estas reuniões já trazendo artigos pré-elaborados para discussão.
- 3- Que todos os participantes se compenetrem da importância da periodicidade do jornal.

Neste sentido convocamos todos os colegas a escreverem e trazerem seus artigos ou participarem das equipes de redação do Bisturi, vindo às 2ªs feiras às 12 horas, na Sala do Bisturi.

**REUNIÃO DA ORGANIZAÇÃO DO MES DE ANIVERSÁRIO DO CAOC**  
**5ª FEIRA DIA 10 1979.**

**IMPORTANTE!**

# A FARSA das ELEIÇÕES



O PROCESSO DENTRO DO CAOC

Há alguns meses vem sendo levantada a questão da escolha do novo diretor da FMUSP. Em maio deste ano a Congregação do CAOC após discutir a questão e aprovar os encaminhamentos para levar o fato até a escola resolveu fazer um questionário com os professores candidatáveis, em que estes responderam sobre assuntos de interesse dos alunos: autonomia universitária, crise do HC, processo de escolha do Diretor, etc. As respostas foram publicadas no Bisturi e afixadas no mural as partes mais significativas. Marcou-se também um debate, entre todos professores titulares e alunos, ao qual compareceram apenas os professores Guilherme, Wanderley e Amato, e cerca de 50 alunos.

Em 22/6, dia seguinte a este debate, houve uma reunião aberta da Congregação do CAOC para se decidir a posição que a Representação Discente teria na Congregação da FMUSP, em 29/6, onde seriam eleitos 6 professores, sendo que um deles seria escolhido pelo Reitor para ser o novo diretor. Nesta reunião da Congregação do CAOC houve duas propostas básicas:

1º) Voto em branco ou nulo, como forma de manifestar nosso repúdio à forma em que se dá o processo. Os defensores da idéia afirmavam que não havia muita diferença em se escolher este ou aquele professor, já que mesmo se tivéssemos um Diretor mais concorde com nossos interesses, não se alteraria fundamentalmente a estrutura de poder na Escola e HC, que continuaria dominada pelos setores mais reacionários e fascistas; além de ser uma forma de protestar contra o processo de escolha do novo Diretor, que exclui a totalidade de funcionários, dos professores que realmente ministram as aulas aos alunos e da quase totalidade dos elementos discentes da escola, na medida em que existem 40 votos de professores titulares contra 4 da representação dos alunos. Para os defensores desta proposta o voto da Representação Discente tinha um caráter político. Assim a proposta de anular o voto ou votar em branco seria coerente com esse caráter, já que nenhum aluno conseguia ver um programa definido em qualquer, sendo impossível desta maneira votar em um nome que nem sequer tinha preocupação de divulgar seu programa para os alunos.

2º) Voto em determinados professores no sentido de se tentar isolar e evitar a inclusão dos piores. Defendeu-se com essa proposta a idéia de que seria diferente se o diretor fosse, por exemplo, o Canelas e não o Canger, não se negando que a estrutura de poder existente continuaria limitando bastante o trabalho de qualquer diretor mais progressista. Divulgou-se que havia alguns professores mais progressistas que não votariam nos candidatos mais ligados à estrutura de poder atual e que o grupo que apoiava o Canger não era o mesmo que apoiava Mário Ramos (estes e o professor Canelas eram tidos como os mais fortes candidatos); podendo ocorrer divisão de votos. Assim, com o voto dos alunos haveria uma certa possibilidade de se retirar determinados nomes da lista.

A Congregação do CAOC foi unânime quanto ao fato de a discussão sobre a participação ou não nas eleições do diretor não ter sido corretamente encaminhada. Apesar dos questionários feitos, da sua divulgação nos murais e Bisturi, da reunião aberta com os professores, não se partiu desta mobilização inicial, que se verificava entre a maioria dos alunos, para o fecho final; tirar a decisão através de uma Assembléia Geral, ou votação em cada classe. Não houve discussão ampla entre os alunos. Todas as questões de interesse deveriam ser discutidas nas classes, tirando-se então a posição a ser encaminhada pelos re-

presentantes ao nível da Congregação do CAOC. Sem a mobilização da maioria dos estudantes, debatem e se conscientizando durante o processo, praticamente não se conseguiria um avanço independente da decisão tomada.

Venceu a proposta nº 2 por 15 x 3.

No dia 25 realizou-se reunião para se apontar os professores a serem "isolados". Entre os 12 prováveis candidatos isolaram-se 6: Canger, Veronesi, Paulo de Toledo, Eduardo Marcondes, Arrigo Raia, Charles Corbett e votou-se em 5: Talés, Gyorgy, Guilherme, Vanderlei e Canelas.

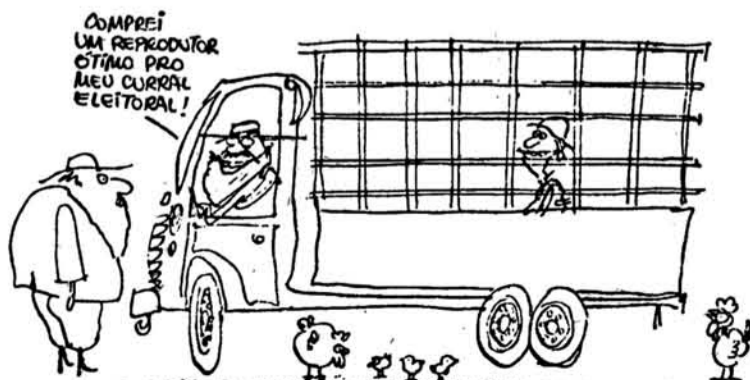
Os alunos decidiram que seria lida uma declaração onde haveria citação nominal dos professores isolados, com um exemplo concreto de atitudes contrárias aos nossos interesses. Não se achou nenhum fato comprovado do prof. Mário Ramos, chegando-se ao absurdo de incluí-lo entre os "votáveis". Como havia consenso quanto ao repúdio da maioria dos alunos por este professor, sendo ele mesmo um dos maiores expoentes da "mafia" que domina o HC e Faculdade, marcou-se nova reunião para 26/6. Neste dia já se duvidava do acerto da decisão de "isolar determinados nomes". Era notório que o erro fundamental era justamente a não participação da maioria dos alunos no processo. Neste ponto surgiram 2 problemas: 1º) um dos mais prováveis nomes à diretoria, Mário Ramos, não tinha sido isolado tendo-se por base fatos concretos (este professor sempre foi suficientemente "esperto" para realizar suas manobras contra os alunos e nelas não aparecer seu nome); 2º) aventou-se a possibilidade da cédula conter o nome de todos os professores e não apenas dos candidatos a candidato.

Assim, para a resolução desses problemas, o documento a ser lido deveria conter a essência das idéias (contrária aos nossos interesses) dos professores a serem isolados, seguida da lista com seus nomes. Durante a discussão dos 40 nomes que estariam na cédula verificou-se que muitos deles eram quase desconhecidos dos alunos que estavam discutindo. Aqui mais uma vez verificou-se a falha do processo de discussão já que sendo pouco o número de pessoas que discutiam era também precária a análise dos nomes a serem isolados, isso sem contar a falta de um maior respaldo para a discussão.

Por fim tirou-se a decisão de votar em 6 nomes: Tales, Gyorgy, Guilherme, Vanderlei, Canelas e Lefebvre, sendo que os restantes seriam isolados.

Cabe agora uma análise dos fatos acima descritos. A atual Representação Discente só poderá ter uma atuação que esteja realmente vinculada com os anseios da maioria dos alunos, na medida em que haja uma ampla discussão dos problemas de ensino da nossa Escola. Assim na eleição para Diretor foi estruturado um esquema de entrevista, mural, jornal, reunião com professores indicáveis afim de dar subsídios aos alunos e consequentemente para a Representação Discente. O que vimos no processo, ainda que se tentasse ampliar a discussão, foi uma participação ativa longe do ideal, apesar do fato da grande maioria estar pelo menos sabendo que iria haver a troca do Diretor (fato que de há muito tempo não se observava). Falharam os que estavam participando ativamente no processo em não ampliar mais a discussão através de outros canais de participação existentes no CAOC (Assembléia de Alunos, por exemplo). Mas aprendemos. Muitos dos problemas que sentimos poderia ser melhor resolvidos com a participação mais ativa da grande maioria dos

continua na próxima página



## NOTAS ESCABROSAS

I) O 1º ano, bem como o atual 2º ano, não teve o curso de Ciências Sociais.

Para talvez compensá-lo, foi instituído o Curso de Aplicações clínicas, que consiste em aulas teóricas práticas, onde se levavam pacientes ao anfiteatro com 90 alunos e se faziam explicações a respeito de sua doença, que geralmente era dermatológica (micoses).

Quem é que aproveitava alguma coisa desse curso? Ninguém talvez. Quem seguramente perdia eram os alunos, que não aprendiam nada e, sobretudo, os pacientes, que frequentemente ficavam em situações constrangedoras.

E o 1º ano terá um curso de Aplicações Clínicas II, no segundo semestre. Que é que vai ser visto?

II) O 3º ano começou o curso com um currículo a la Experimental e, hoje, tem um currículo a la Tradicional. Nesse vai e vem, tivemos (durante o 2º ano!) um curso de Hematologia e outro de Dermatologia, que serão repetidos no 4º ano. E ficamos sem o curso de Parasitologia, que vai ser dado em 15 dias nas férias!

III) O 3º e o 4º anos vão passar juntos na Pneumo e na Cardio, tendo os cursos de Cirurgia, Clínica e Patologia. Como vão passar pelo bloco 190 alunos ao mesmo tempo, não havia leitões, doentes, professores e espaço físico para as aulas. Então, o 3º ano vai ter o curso de Cardio nos ambulatórios do Instituto do Coração (até que enfim vai servir para alguma coisa!) e o 4º ano, nas enfermarias do HC.

Agora, o curso de Pneumo, que só tem dois assistentes e três médicos, não encontrou solução. Vamos todos ser asfixiados, provavelmente.

Viva a Casa de Arnaldo!

IV) O maior acontecimento do primeiro semestre do 2º ano foi um grande campeonato de futebol de salão (com dois turnos!) em que a divisão dos times foi feita por classes de

Fisiologia da Circulação. Essa idéia surgiu porque os alunos não sabiam mais como passar o tempo destinado à Anatomia, uma vez que nós ainda não tínhamos encontrado o curso; as únicas "pistas" dadas pelo Departamento foram: uma "apostila" (roteiro) que custava Cr\$50,00 e a data da prova. Mas ninguém se assustou com essa dinâmica de curso, pois desde o ano passado a Anatomia tem se reduzido a apostilas, provas e orientação de pós-graduandos que vieram do Norte pensando que iam aprender Anatomia e acabaram descobrindo que seriam os nossos professores.

Mas o futebol de salão não foi a única modalidade disputada pelo 2º ano. Houve uma grande gincana (da qual as meninas também participaram) cuja tarefa era decorar o maior número possível de bulas de remédio e escrevê-las no menor tempo e espaço possíveis. O prêmio altamente cobiçado e que ficaria entre as melhores memórias da classe, era passar em Farmacologia. Afinal, o objetivo do curso era dar uma visão "crítica" de Farmacologia...



Tudo isso mais a frustração de não termos tido gatos em Neurofisiologia e o mistério do desaparecimento de um dos professores no meio de uma prova (vide "O que acontece quando os alunos começam a parender nas aulas?"), levou-nos à realização de um Pré-Forum. Aí houve uma discussão muito boa, onde foram avaliados os cursos e levantadas sugestões para modificação dos mesmos, visando aumentar a participação dos alunos, o que os tornaria mais produtivos.

Essas sugestões foram levadas a um Forum, do qual participaram também professores, e nele se discutiu a viabilidade de se encaixarem as propostas nos diversos cursos.

V) Na quinta-feira, dia 2 de agosto,

## CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

alunos e sabemos que isso se repetirá quando tivermos que enfrentar os problemas. Resta àqueles que participaram mais ativamente comprometerem-se em alargar mais as bases de discussão, só assim os elementos constituintes da Representação Discente poderão ter condições de levar mais objetivamente os problemas enfrentados pelos alunos.

### A ATUAÇÃO DOS REPRESENTANTES NA REUNIÃO DE 29/6

No dia anterior à reunião de Congregação, os representantes reunidos deliberaram que pela falta de uma análise melhor documentada e respeito dos professores que consideramos não identificamos com as necessidades do corpo discente, a insuficiência da lista de nomes elaborada, pois faltava uma série de professores que comprovadamente praticaram arbitrariedades e, como já foi afirmado anteriormente pela ausência de discussão prévia ao nível dos alunos do teor da nossa posição. Só seria lido o texto, ou declaração de voto, elaborado a partir da Congregação de Alunos, não seriam relacionados os nomes dos professores arbitrários e que o nosso voto seria dado aos professores: Canelas, Guilherme, Lefebvre, Vanderlei, Gyorgy e Tales.

### REUNIÃO DA CONGREGAÇÃO (29.06): ELEIÇÃO DA LISTA

A reunião da Congregação, onde seriam escolhida a lista sêxtupla para diretor, curiosamente continha um número muito grande de assuntos polêmicos dentro da ordem-do-dia, assim como tinha o seu término marcado para as 11:00 horas, pois nesta hora haveria a inauguração de um quadro de um antigo professor(!!).

Assim, junto com a eleição, existiam assuntos como: a nova mudança do currículo, a discussão do texto elaborado pela Comissão que estava estudando a criação da Enfermaria Geral, além da divisão das verbas (40 milhões de cruzeiros) destinadas recentemente ao HC através de um critério

nadas recentemente ao HC através de um critério de prioridades a ser discutido. Podia-se prever que em meio a tantos assuntos e num tempo reduzido de reunião (normalmente as reuniões terminam às 12:30) a eleição deveria ser permeada de muitas manobras elaboradas por Lacaz e Cia. E assim o foi. A primeira delas foi a "sugestão" de que em vez de 6 nomes seria melhor que se assinalasse 1 nome na cédula, para "facilitar a contagem de votos" (e também para evitar que o professor Canelas fosse o primeiro nome a ser indicado já que este contava com simpatia tanto do grupo dos professores reacionários como dos progressistas). Outra manobra foi a de ir chamando o nome dos votantes em ordem fixa e à medida que, um de cada vez, colocava o seu voto em uma caixa aberta o professor ajudante do Lacaz (Paulo de Toledo) ia

imediatamente pegando e desdobrando-os também na mesma ordem de chamada (manobra nítida para ver quem estava votando em quem e assim fiscalizar os eventuais "furadores" dos conchavos que por certo existiram antes das eleições).

A reunião foi uma verdadeira bagunça na medida em que os assuntos eram sumariamente "discutidos" e aprovados nos intervalos das votações (quando estavam se contando os votos). Assim, foi aprovado pela Congregação que nenhuma mudança de currículo seria feita até 1979 e 5 minutos de pois era aprovada a mudança em bloco nos 6 anos do curso da nossa escola.

Fato positivo foi a declaração de voto do professor Canelas que pediu maior liberdade para as discussões de ensino na escola, a volta do MC à FMUSP, a supressão dos órgãos repressivos existentes e mantidos pela Diretoria dentro da FMUSP e o reconhecimento do CAOC como entidade representativa dos alunos.

O resultado da lista foi a indicação logo na primeira votação do Canger com 22 votos; na segunda foi Mário Ramos com 22, na terceira Sampaio com 22 votos, vindo a seguir Charles Corbett, Paulo de Toledo e por último Canelas com 21, 19 e 17 votos respectivamente. O fato dos três primeiros nomes representarem o setor mais reacionário e de terem tido 22 votos indica que a ala mais fascista de professores (Lacaz e Cia) conchavou (e políciu através do Paulo de Toledo) 22 nomes da Congregação para esta "eleição" em troca de favores e facilidades aos conchavados.

Tais acontecimentos não se dão por acaso ou sem razão. Cogita-se que o professor Lacaz apoiou o atual Reitor em troca de ver o seu preferido escolhido por este para ser o novo Diretor. Suspeita-se também que assim o próprio Lacaz poderia ser escolhido para vice-Diretor, pois contaria com o apoio do novo Diretor. Lacaz continuaria exercendo sua nefasta influência ditatorial sobre a escola através do novo Diretor. Isto tudo em nada surpreende quem pelo menos já deu uma analisada, mesmo que superficial, na atual estrutura social em que vivemos. Aos que clamam por Liberdades Democráticas, estes fatos vêm reforçar-lhes o brado, pois sem a ampla participação, através da livre expressão e organização fatores acima relatados continuarão acontecendo. Somente com a ampla participação de alunos, funcionários e professores do baixo escalão da carreira universitária é que se conseguirá mudar a estrutura de escolha acima descrita.

A Congregação é atualmente similar aos órgãos legislativos que existem hoje na nossa sociedade e a solução para alterar esta estrutura é a mesma que a da sociedade: a possibilidade de ampla participação das aprelas majoritárias que a constitui, hoje representadas de forma minoritária, senão inexistente.

### A DECISÃO DO REITOR

Três semanas após a elaboração da lista sêxtupla, o Reitor da USP notificou o nome do novo Diretor. Mário Ramos foi escolhido sendo que seu mandato será por quatro anos.

# ECEM OU ETEM ?

se dependesse de grande parte da delegação da FMUSP...

De 18 a 25 de julho realizou-se, na cidade de Belém, o X Encontro Científico de Estudantes de Medicina. Do encontro constava a discussão de três importantes temas: Saúde e Democracia, Perspectivas do Profissional Médico e Modelo Econômico e Realidade Médica. Também houve a apresentação de trabalhos científicos, elaborados por estudantes, cursos sobre vários temas relacionados à medicina, além de painéis sobre a Situação de Saúde e Assistência Médica na Amazônia e sobre a Universidade hoje.

Ao analisarmos este X ECEM, observaremos muitos aspectos negativos e

pouco saldo positivo.

A participação de nossa delegação, composta por 72 colegas, nas atividades do ECEM e, de um modo geral, a participação efetiva dos colegas de várias escolas foi muito pequena.

Vários foram os fatores que contribuíram para tal dispersão: falhas de organização, descentralização geográfica das atividades, atrativos turísticos tentadores, etc. Porém, sem dúvida, o fator de maior peso foi a falta de preparação interna das delegações em geral e da nossa em parti-

cular. É triste pensar que um árduo trabalho

foi levado durante todo o ano para se conseguir as mínimas condições satisfatórias para se reunirem 2500 estudantes em Belém, discutindo assuntos de real interesse, foi usado por um grande número de pessoas com a finalidade de se fazer turismo.

Não se está aqui negando a possibilidade de se passear e fazer turismo, de forma alguma. Só que a intenção do ECEM realmente não é essa. As pessoas que trabalharam para a organização do X ECEM não o fizeram para mostrar as belezas da Amazônia e sim a fim de avançar na discussão e resolução dos problemas que afetam hoje

a todos os estudantes de medicina do país em particular, e a todo povo brasileiro em geral.

Outro fato lamentável que ocorreu neste X ECEM foi o boicote praticado pela imprensa de Belém na cobertura do encontro. Houve, por parte da imprensa em geral, uma torrente de provocações gratuitas e artigos de mofé nos taxando ora de "fascistas fora de época", ora de "marxistas de beira de copo". Tais atitudes bem demonstram o temor que os organismos comprometidos com a manutenção do regime fascista brasileiro têm das organizações democráticas.

Apesar de tantos tropeços, o X ECEM conseguiu um avanço importante: além de todas as discussões, aprovamos duas propostas de trabalho a serem levadas conjuntamente por todas as escolas de medicina do Brasil:

Uma discussão a ser levada através das entidades, sobre o currículo médico, com levantamento dos problemas e propostas de transformação, que devem ser intercambiados pelas diversas escolas. No próximo ECEM, em cima desse trabalho tentaremos unificar uma proposta conjunta de ação.

A outra proposta mais imediata, é a de se organizar uma luta conjunta pela remuneração do internato. Como todos sabem durante o internato, o estudante de medicina presta serviços de atenção médica e, de acordo com a lei 3999/61 este trabalho deve ser remunerado com dois salários mínimos por 24 horas de trabalho semanais. Apenas duas escolas do país dão a remuneração adequada; as outras, em geral, ou não pagam nada ou cobram dos estudantes para a realização deste trabalho. Em vista disso, vamos mover uma ação trabalhista nacional por esta reivindicação.

Para aprofundar esta avaliação do X ECEM, divulgar os relatórios das discussões, debater o encaminhamento das propostas aprovadas e iniciar a preparação do próximo Encontro, está marcada uma reunião para 5ª feira, dia 10 às 12:00 horas na sala de reuniões do CAOC. COMPAREÇA!

# ENUCISA

Provavelmente você já participou e ou ouviu falar em SESAC e ECEM. Estes encontros pretendem nos informar à respeito da realidade de saúde e da nossa formação médica. O III ENUCISA, que será realizado em Botucatu na Semana da Pátria (3.ª a 8 de Setembro) não foge muito disso. Mas então porque tantos encontros sobre saúde?

A Saúde se coloca hoje no centro de uma crise da sociedade brasileira (que em outros tempos pertenceu à Educação, à Reforma Agrária, etc....) que tem se expressado nas recentes manifestações dos profissionais de saúde, como a Carta dos Profissionais de Saúde à População, Dia Nacional de Saúde e Democracia, a greve dos médicos, etc... Os próprios trabalhadores, recentemente em greve vincularam o estado de saúde às reivindicações salariais.

Ora, o que será que faz médicos (que absurdo !!) entrarem em greve? Porque operários reclamam tanto das condições de vida e saúde? E o nosso curso, porque não comentam nada a respeito? Será que existe uma realidade que nós e nossos professores desconhecemos?

O III ENUCISA não pretende dar resposta a isso, mas dar condições para que você pense e discuta estas questões junto com colegas de outras áreas. Para isso o III ENUCISA levará médicos, antropólogos, sociólogos, juristas, economistas, físicos, jornalistas, psicólogos, burocratas e até Reitor de Universidade para te assessorar. Por isso a participação mais importante é a sua.

Em Botucatu terá alojamento e refeição para quem contribuir com 150 cruzeiros de inscrição (além de um texto preparatório e certificado). A inscrição poderá ser feita no DPMS ou na Diretoria do CAOC a partir de hoje.



## PROGRAMAÇÃO

### MESAS REDONDAS:

- Universidade e Saúde - 4/9 20 hs  
Darcy Ribeiro  
Guilherme Rodrigues da Silva  
Plínio Alves de Moraes  
Modesto Carvalhosa
- Papel das Multinacionais na Política de Saúde no Brasil 5/9  
Maria da Conceição Tavares  
Mario Schemberg  
Mario Vitor de Assis Pacheco  
Bernardo Kucinski
- Trabalho Comunitário 8/9 - 20 hs  
Cornélius van Stralen
- Ação Comunitária do Brasil C.A. 22 de Agosto  
Comunidade Universitária de Base  
Pedro Dimitrov

Obs.: Haverá discussões em grupo sobre os temas de Mesa Redonda nos dias seguintes pela manhã.

### PAINÉIS:

- Condições de Vida do Povo Brasileiro 4/9 9 hs  
Fausto Cupertino  
DIEESE
- Sistema Nacional de Saúde 7/9 - 20 hs  
Carlos Gentile de Melo  
José Carlos Seixas  
José da Silva Guedes  
CEBES

### ATIVIDADES CULTURAIS:

- Teatro: 7/9 14 hs  
Eles não Usam Black Tie  
Grupo da Paulista
- Cinema: 4/9 14 hs  
Universidade em Crise  
Apito da Panela de Pressão  
6/9 14 hs  
Os Bóias Frias / Taruman  
A Margem
- Música: 5/9 14 hs  
Poemas de Thiago de Mello e música de Tom Zé  
8/9 20 hs  
Conjunto 'Remeditando o Breque'

to, o representante discente no Departamento de Clínica Médica foi impedido de assistir à reunião da Comissão de Ensino, que assessora o Departamento. Nessa reunião, a Comissão (que não é deliberativa mas apenas sugere ao Departamento propostas a serem aprovadas ou não) iria discutir o currículo do 6º ano na Clínica Médica e o número de residentes (R1 e R2) a re o próximo ano.

A argumentação de um professor participante dessa reunião foi a de que a Comissão não era deliberativa e assim não havia razão para que alunos participassem ou assistissem, visto que já tinham representação no órgão máximo que é o Conselho de Departamento e que no regimento da Comissão não cabia a representação discente e ante o boquiaberto representante crescentou em alta e clara voz que "além do mais, o assunto a ser discutido não interessa aos alunos".

Ué!!! se ensino não interessa pra gente, o que é que interessa então?



AS IDEIAS QUE NORJEM O NOSSO CURRÍCULO

E SUA RELAÇÃO COM A SAÚDE DO POVO



O QUE ACONTECE QUANDO OS ALUNOS COMEÇAM A APRENDER NAS AULAS?

O QUE ACONTECE QUANDO OS ALUNOS COMEÇAM A APRENDER NAS AULAS?

Resposta Na FMUSP o professor é desligado do curso. Absurdo mas foi o que ocorreu com o professor Cipolla da Neurofisiologia neste primeiro semestre.

O 2º ano no curso de Neurofisiologia está subdividido em 4 turmas e uma delas ficou a cargo do prof. Cipolla. Nesta classe o rendimento e o aproveitamento dos alunos durante os seminários estava mostrando-se mais elevado

# Carlos da Silva Lacaz

Que todos os alunos da FMUSP jamais se esqueçam deste nome e do que ele representa :

**Fim do Experimental**  
**Exame de Suficiência**  
**Eliminação dos Foruns**  
**Museu da FMUSP** (e ainda dizem que faltam verbas)  
**Conivência com a invasão da FMUSP pela Polícia**

**Curso de Aplicações Clínicas** (“vamos brincar de médicos”)  
**Confusão Curricular** (entre na FMUSP e tenha um currículo a cada ano)  
**Ganger no 1.º Escrutínio**  
**Homenagem a Harry Shibata** (Argh!) etc etc . etc .

**BLEARRH!**



que o das classes restantes. Não só isso ficou constatado, mas também a média das notas na primeira prova foi superior a de todas as outras classes (Cipolla: 7,0; demais classes: 5,0).

Diante de tal fato, o coordenador do curso prof. Juarez procurou pelo Cipolla e "deu uma dura" nele alegando que a homogeneidade entre as turmas era importante e que os outros três professores (Juarez, Werner e Núbio) não estavam de acordo com a didática adotada por ele. Resumindo, intimou o professor a mudar de método de ensino.

Firme na sua posição, o Cipolla continuou o curso da mesma maneira que o havia iniciado e novamente foi chamado a "prestar declarações" ao coordenador. Desta vez o Juarez foi mais categórico e para jogar o abacaxi para o Cipolla demitiu-se do cargo de coordenador como forma de intimidar o professor acusado.

Pressionado por todos os lados o Cipolla achou que a única maneira de não prejudicar toda a sua turma era e se retirar do curso.

E nós, alunos, onde entramos nessa? Como sempre fomos totalmente ignorados, ficando alheios a todo este processo. No início da segunda prova, o Juarez comunicou à classe do Cipolla que o nosso novo professor era o César.

O primeiro motivo alegado foi que o Cipolla necessitava do maior tempo possível para preparar a sua tese. Ora, faltava menos de um mês para terminar o curso e este tempo não ia resolver coisa nenhuma.

O segundo motivo problemas internos ao departamento foi totalmente repudiado pela classe.

Resolvemos então levar uma conversa bem franca com o Cipolla e ele nos relatou tudo.

Sabíamos que a situação para ele não estava fácil e após uma discussão com toda a turma resolvemos levar ao coordenador a nossa posição de repúdio a tudo o que estava acontecendo e que a classe exigia que o método adotado pelo Cipolla continuasse a ser utilizado pelo César.

Mas isso de nada adiantou. Os nossos seminários foram tornando-se verdadeiras aulas teóricas as provas deixaram de ser auto-avaliação e o resultado de tudo isso foi o crescente esvaziamento da turma nas aulas.

No final do semestre, durante o Fórum de Avaliação novamente levantamos a questão e apresentamos propostas de modificação do curso de maneira a torná-lo semelhante ao do Cipolla.

Novamente se repetem fatos que estão tornando-se rotina na FMUSP e não é preciso dizer, mais uma vez, que somente uma resposta conjunta de todos os alunos da nossa classe poderia modificar a situação.

# COMISSÃO

# PRÓ-UNE

A Comissão Pró-UNE foi criada durante o III Encontro Nacional de Estudantes, que se realizou em São Paulo, em setembro passado, apesar da repressão.

Ela congrega todos os DCEs do país mais as UMEs (União Metropolitanas de Estudantes) e UEEs, todos com direito a voz e voto. Sua função é a de tentar coordenar o Movimento Estudantil a nível nacional, buscando a unificação (e assim o fortalecimento) das várias lutas que estão sendo travadas pelos estudantes do país inteiro. É o primeiro passo no processo de reorganização dos estudantes a nível nacional.

Durante a SBPC, a Comissão Pró-UNE se reuniu e, além de aprovar as moções apresentadas pelos estudantes à Assembléia Geral da SBPC, os DCEs do país inteiro decidiram:

a) a realização de uma semana por Melhores Condições de Ensino a nível nacional.

Nessa semana devem ser discutidos, em todas as escolas do país, os principais problemas enfrentados, tanto com relação a currículo, como com relação às verbas, infraestrutura, participação dos estudantes nas decisões, etc...

Devem ser elaborados, por escola, dossiês relatando os principais problemas e um relatório global que serão entregues, no mesmo dia, respectivamente, aos MECs regionais e ao MEC, em Brasília, pela comissão Pró-UNE.

Em cada escola e em cada Universidade em particular devem ser ressaltadas as discussões de seus problemas específicos mais graves e serão as discussões sobre a Reforma Universitária, as verbas e a democratização da Universidade que unificarão os estudantes nacionalmente.

A data da semana será definida na

próxima reunião da Pró-UNE, no dia 19 de agosto, em Salvador.

b) a realização de um Dia Nacional de Repúdio à Farsa das Eleições Indiretas.

Em outubro haverá a escolha do presidente e dos governadores e, como todos sabem, dessa escolha o povo brasileiro não participa.

Nesse dia, os estudantes brasileiros manifestarão, de forma unificada, seu repúdio a esse processo de escolha. Manifestaremos nosso desejo de participação (e do povo em geral) nas decisões políticas do país, apontando qual seria o caminho para essa participação:

Por eleições livres e diretas

Pela liberdade partidária

- Por uma Constituinte Livre, Democrática e Soberana

Pelas Liberdades Democráticas

É fundamental que a discussão sobre as eleições e sobre as propostas apresentadas seja feita amplamente, com intensa participação da maioria dos estudantes, para que este posicionamento seja forte e representativo.

c) o IV Encontro Nacional de Estudantes deverá ser realizado no dia 3 de outubro, aqui em São Paulo.

A pauta de discussões será:

1- Informes

2- Balanço, por escrito, a respeito do movimento em cada escola: as lutas que foram travadas, a participação dos estudantes, os contatos com os outros setores populares.

3- Posicionamento dos estudantes a respeito da situação política nacional e das eleições de 15 de novembro.

4- As lutas que os estudantes devem travar nacionalmente.

5- Reorganização da UNE - Como? Quando?

No país inteiro e, principalmente, aqui em São Paulo, devemos discutir atentamente a realização do IV ENE. Qual a sua importância? Que é preciso fazer para fortalecê-lo? Como garantir sua realização?

Devemos construir um Encontro que conte com ampla participação, que tome decisões representativas e que seja uma contribuição efetiva para o fortalecimento de nosso movimento.

d) a Comissão Pró-UNE deverá participar, nos dias 5 e 6 de agosto, de uma reunião nacional dos Comitês de Anistia, em que serão discutidas as prisões que vêm ocorrendo no país (Pernambuco, Brasília, etc) e a situação de Cajá, estudante preso e torturado no Recife há dois meses.

Foi um importante avanço termos conseguido unificar as propostas de ação dos estudantes do país inteiro até o IV ENE. Agora, devemos trabalhar para que elas se concretizem com a maior participação possível.

## O IV ENE VEM AÍ!



# TIA ANISTIA ANISTIA ANISTIA ANISTIA AN

## ENTREVISTA COM FAMILIAR DE DESAPARECIDO MARIA AUGUSTA DE OLIVEIRA

59 anos, esposa de DAVID CAPISTRANO DA COSTA. Integrou a 13ª Brigada Internacional em defesa da República Espanhola. Posteriormente integrou-se à Resistência Francesa, tendo sido preso pelas tropas nazistas em 1943. Foi membro da Assembléia Legislativa do Estado de Pernambuco em 1946. Foi preso entre 15 e 19 de abril de 1974, encontrando-se desaparecido desde esta data.

1- A senhora tem conhecimento de quantos presos desaparecidos, desde 1946?

MAO- Os desaparecidos são os presos políticos que o governo nunca reconheceu como presos. Estas pessoas, porém, foram vistas por outros presos dentro dos órgãos de repressão (DOI-CODI), sendo que nada transpirou sobre seus destinos até agora.

De 64 a 74, muitos morreram dentro dos órgãos de repressão e a polícia entregava o corpo para a família ou notificação de morte por "atropelamento", "tiroteio", etc., após enterrar os presos como indigentes. De 74 para cá, ocorreram prisões confirmadas por testemunhas e que o governo nega. São os chamados desaparecidos. A lista atualmente é de 50 pessoas.

2- Existe algum tipo de organização dos familiares de presos políticos desaparecidos?

MAO- Os familiares estiveram integrados num trabalho conjunto durante um ano e meio: em primeiro lugar, impetram um Habeas Corpus, que teve co-

mo resposta a negação da prisão. Em agosto de 74, fomos ao General Golbery do Couto e Silva, levados por D. Paulo Evaristo Arns e o general, chefe da Casa Civil, prometeu uma resposta sobre os desaparecidos até o dia 20 do mesmo mês. Até hoje a resposta ainda não foi recebida. Nessa ocasião foi entregue um dossiê sobre as circunstâncias de desaparecimento de cada uma das pessoas presas.

Em 6 de fevereiro de 75, o Ministro da Justiça, Armando Falcão, publicou uma nota na imprensa sobre os desaparecidos. Negava, então, todas as prisões e afirmava que alguns daqueles elementos encontravam-se na clandestinidade e outros no exílio.

Depois de um ano e meio nesse trabalho de peregrinação aos quartéis, delegacias de polícia e manicômios, os familiares foram se engajando com outros setores na luta mais geral por anistia. Seus árduos esforços, além de vãos, não conseguiam obter nenhuma repercussão, já que havia uma censura específica sobre esta questão, além da geral sobre todos os assuntos de interesse popular.

3- quais foram as repercussões externas da luta em defesa dos presos políticos desaparecidos?

MAO- Temos informações de que a Anistia Internacional acolheu as solicitações destes familiares e entregou uma carta ao General Geisel, quando ele se encontrava em Londres. Mais recentemente, quando o General Geisel encontrava-se na Alemanha, os jornalistas alemães entregaram uma nota de protesto pelo desaparecimen-

to de 3 jornalistas brasileiros: David Capistrano, Ivan Pereira e Issami Nakamura Okona.

Além disso, na visita que o representante da Anistia Internacional fez ao Brasil há pouco, ele intercedeu junto ao presidente do Supremo Tribunal Federal a respeito dos desaparecidos. Nessa ocasião foi assumida a prisão de David Capistrano por oito dias, sem dizer onde, como e por quem foi preso, nem quando, onde e por quem foi libertado.

4- Quais os principais "crimes" que levaram à prisão e posterior desaparecimento dessas pessoas?

MAO- A maior parte desse pessoal não tem acusação de ação armada, o que poderia justificar o seu desaparecimento através de "tiroteio", "atropelamento", etc. Eram pessoas que tinham uma atividade exclusivamente político-partidária, muitos eram líderes de reconhecida popularidade. A única acusação possível para mantê-los presos é a de delito de opinião e que existe apenas nas ditaduras e democracias relativas.

## ENTREVISTA com EX-LÍDER OPERÁRIO DA GREVE DE 68 EM OSASCO, PRESO POLÍTICO ENTRE 69 e 73 - SPINOZA

1- O que é um preso político?

De 1968 até hoje, passaram pelas prisões do Brasil mais de doze mil presos por motivos políticos. Aqui em São Paulo, de 68 a 73, uns 5 mil; de 73 a 78, uns 500.

A grande maioria destas pessoas é oriunda das camadas médias da população, mais uns 10% de proletários e

## ANOSOGNOSIA NO HC !!?!

Segundo o prof. Lefêvre, no último fórum de debates intitulado "Diagnóstico do HC" (dia 1 de agosto, no CAOC), a doença do HC está passando por uma fase de anosognosia (negação da própria doença), que parte dos seus pseudo-administradores com declarações na imprensa afirmando que no HC não há cirurgias suspensas.

Este mesmo professor nos mostrou nesta mesma noite uma cópia de um documento do HC dizendo que em 1977 houve 1654 cirurgias suspensas e seus motivos: falta de anestesista, de cirurgião, de campo cirúrgico, de material na sala de circulante (pessoal auxiliar) e até "pelo adiantado da hora".

## INTERNATO: VITÓRIA PARCIAL

A reformulação do currículo do 6º ano de 1979, que havia sido aprovada na mesma reunião da Congregação que formulou a lista sextupla para o diretor da FMUSP, teve o repúdio quase unânime do atual 5º ano.

Além da forma pela qual foi aprovada, sem discussão e nas férias (este negócio já chega, não?), o conteúdo da mesma era altamente discutível. Tornava 8 meses de estágios no 6º ano optativos em uma das grandes áreas (Pediatria, Clínica, Cirurgia) e 4 obrigatórios (MI, Dermao, Neuro, Psiquiatria). Esta alteração vinha baseada em idéias como: "No fim do 5º ano o aluno já tem formação médica geral e o 6º teria papel de residência e "este negócio de optativas dá muita bagunça nos estágios". Não satisfeitos com estes "sólidos" argumentos, os internos fizeram um abaixo-assinado reivindicando a manutenção do 6º ano atual, enquanto não se realizasse uma transformação visando uma real melhora da assistência didática.

A princípio as reivindicações não foram aceitas, porém com o correr das discussões foi sendo averiguado que não havia condições concretas para aprová-la legalmente através da burocracia universitária. Isto, além do repúdio quase unânime, fez com que os "reformuladores" recuassem.

Foi mantido o 6º ano atual. Até quando ...?





# A ANISTIA ANISTIA ANISTIA ANISTIA ANISTIA ANISTIA ANI

camponeses. Metade deles foram presos devido à atuação no Movimento Estudantil. Os restantes por envolvimento em organizações ditas "subversivas". Todos os acusados de pertencerem a essas organizações foram torturados. 280 a 300 foram mortos, sem contar os desaparecidos, embora alguns deles, mesmo depois de mortos, continuassem a ser julgados e condenados. Estes mortos que a repressão assume são tidos como vítimas de tropeços, atropelamentos e suicídios.

2- Por que existe a prisão política?

Estes 12 mil são todos opositores do regime de um ponto de vista popular. São presos pela intolerância do regime, do autoritarismo com relação a essas oposições populares. Toleram somente as pré-fabricadas, que não colocam em xeque a própria natureza do regime.

Há também o aspecto de que de 68 a 72, certos setores desta oposição adotaram formas de ação que levaram a seu isolamento das massas populares, de modo que se tornaram presas fáceis da violência do regime.

3- Qual a trajetória de um preso político, desde a sua prisão até a condenação?

A prisão é efetuada pelo DOI-CODI, antiga operação Bandeirantes, que não tem nenhum estatuto jurídico e, portanto não é legal. O DOI-CODI foi formado em julho de 69, centralizando os antigos órgãos de informação das Forças Armadas, incorporando também, policiais do DEOPS e DEIC. O DEOPS e as Auditorias Militares são órgãos legais de repressão, encarregados de fazer o inquérito e o julgamento.

O DOI-CODI é o primeiro contacto. O indivíduo fica isolado pelo tempo que eles quiserem, apesar de haver uma lei que não permite incomunicabilidade maior do que 10 dias. É uma verdadeira câmara de tortura da repressão, com pouca alimentação (só

jantar e, segundo os policiais, doado pela Super-Gel). O preso que ia ser torturado não comia. Antigamente os presos ficavam nus. Atualmente eles dão um macacão, que, conforme eles dizem, tem até cinco marca Herzog.

As torturas eram acompanhadas por médicos, já que o objetivo não era matar e, sim, obter informações. A morte era por "acidente de trabalho" ou "defeito técnico".

Quando alguém que procuravam era preso, havia festa entre os policiais, pois, além de roubarem os bens materiais da casa dos presos, ganhavam prêmios de algumas firmas, como o grupo Ultra, General Motors, Camargo Correa, Adolpho Lindenberg e outras.

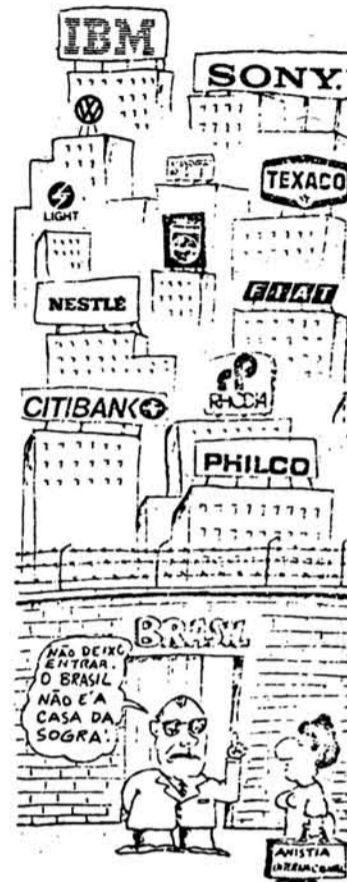
Quando alguém que procuravam era preso, havia festa entre os policiais, pois, além de roubarem os bens materiais da casa dos presos, ganhavam prêmios de algumas firmas, como o Grupo Ultra, General Motors, Camargo Correa, Adolpho Lindenberg e outras.

Quando eles achavam que o indivíduo tinha falado o que lhes interessava, quando o indivíduo era rico e bem relacionado, ou quando eles cansavam de torturar, o indivíduo era mandado para o DEOPS.

No DEOPS, antes de 75, as torturas continuavam, pois obter informações não conseguidas pelo DOI-CODI era ponto ganho na concorrência entre os



A ÚLTIMA DO FIGUEIREDO.



órgãos de repressão.

No DEOPS inicia-se o inquérito policial. Se você não falar o que eles desejam, volta para o DOI-CODI. Depois, decreta-se a prisão preventiva e desloca-se o preso para setores do sistema previdenciário especiais para presos políticos, que chegou a ser sinônimo de regime de solitária (celas únicas, minúsculas), onde eu mesmo estive por 4 meses, antes de ser transferido.

O julgamento tem como peça de acusação o depoimento feito no DEOPS.

## ENTREVISTA COM FAMILIAR DE PRESO POLÍTICO:

DONA JOSEFINA, ESPOSA DE ALTINO DANTAS, EX-PRESIDENTE DA UNE/65.



1- Como se deu a organização dos familiares dos presos políticos?

Não existe uma organização propriamente dita. O que existe é uma unidade, que vai se formando na prática da defesa conjunta dos presos políticos, também em função de sofrermos as mesmas circunstâncias.

2- Houve vitórias na luta em defesa dos presos políticos levada por seus familiares?

A luta por parte dos familiares não levou a muitas vitórias. A não ser quando o regime não cumpria suas próprias leis e havia repercussão na opinião pública. E até 74 isso só se dava a nível internacional em função da censura à imprensa.

Por exemplo, hoje lutamos contra a censura a livros dentro da própria prisão, fato que se constitui numa pena a mais além da própria reclusão e confinamento a que os presos estão submetidos.

Esta luta, entretanto, só será vitoriosa se contar com o apoio da maioria da opinião pública. Os familiares isolados do conjunto da sociedade não são respeitados pelos órgãos de repressão. São comuns as agressões morais a mulheres e crianças de presos políticos. Vez por outra, sujeitam as mulheres a exames ginecológicos vexaminosos antes das visitas, à procura de comunicados que possam afetar a Segurança Nacional.

3- De que forma o preso político pode se defender de dentro da prisão?

Através do advogado, ele pode se defender dentro dos limites legais. Mas a lei nem sempre é justa. A greve de fome é uma forma de sensibilizar a opinião pública. Sua vitória depende da organização e disposição de luta dos que estão do lado de fora. A fome de um preso político é tolerável e até desejável para alguns. Ela é inoportuna e começa a incomodar quando há repercussão no conjunto da sociedade.

5 - Formação de uma comissão com representantes das várias entidades envolvidas e representantes do governo para estudo dos seguintes itens, num prazo de 15 dias:

- a) instituição de um regime especial de trabalho para o pessoal da área de saúde do Estado, que passariam a receber gratificação mensal permanente de 20% sobre seus salários, a partir de 01/07/78;
- b) extensão da taxa de insalubridade aos que ainda não a recebem, a ser calculada sobre o salário efetivo dos funcionários e não sobre o salário mínimo;
- c) restaurante e refeições gratuitas para os funcionários;
- d) ampliação da creche;
- e) apressamento da implantação do "Projeto" e
- f) apressamento da elaboração do quadro do HC.

Frente a tais propostas, médicos e funcionários resolveram retornar ao trabalho, mantendo-se em assembléia permanente e constante mobilização até o fim do prazo de 15 dias, continuando dispostos a retornar à paralisação caso os estudos cheguem a um resultado negativo.

Apesar de a trégua ter sido aceita numa situação em que ainda não foram atingidas concretamente nenhuma das reivindicações iniciais, o saldo do movimento foi bastante positivo, na medida em que pela primeira vez nos últimos 20 anos, conseguiu-se parar o hospital na defesa dos direitos dos que nele trabalham. Conseguiu-se fortalecer a unidade dos médicos e funcionários e de suas Associações, conseguiu-se um recuo na intransigência do governo em não negociar e quebrou-se na prática a proibição da realização de greves no funcionalismo público.

No momento trata-se de manter a unidade do movimento em torno de suas reivindicações e de voltar à greve caso elas não sejam atendidas. Muitos funcionários jogaram seu emprego, sua situação financeira, familiar, na esperança de vitória do movimento e o fizeram devido à insuportável condição de vida e salários, é um movimento pela vida, pela dignidade humana e nesse sentido merece nosso irrestrito apoio.

As alegações do governo de que não possui recursos para atender às reivindicações não resistem à primeira discussão. A problemática da saúde reside não só na carência de recursos mas principalmente, neste caso, na divisão e destino a que são submetidos. Se o problema são os recursos financeiros, por que não deixar de financiar o lucro das empresas médicas, drenando-os

para o atendimento público? Evitar gastos superfluos na construção de obras faraônicas e utilizá-los para melhorar a vida do trabalhadores? Alterar a política de saúde para atender às necessidades do povo e não aos desejos de lucro de empresários? Enfim, por que não querer beneficiar milhares de pessoas que produzem no país, ao invés de privilegiar minorias?

Um governo com semelhantes anseios só será construído com a mobilização de todos os funcionários, médicos e amplos setores da população. A greve teve o mérito de alertar a população para a situação de saúde em que vive e necessita do apoio desta para a sua vitória total.

Precisamos ter como perspectiva que as saídas específicas, ou parciais, podem surgir, ou seja, aumentar os salários em 20% sem alterar toda a política de saúde e salarial. Neste sentido, ao mesmo tempo em que o movimento luta por suas reivindicações específicas é necessário questionar a atual política de saúde, a atual política salarial, discutir como concretizar profundas alterações na sociedade para tornar possível o atendimento dos objetivos da maioria da população: melhores salários, melhor prestação de serviços à população, melhor ensino, liberdades para reivindicar seus direitos, enfim, melhores condições de trabalho e de vida em geral.

SE HOUVER ESSA  
SEGURANÇA TODA  
DURANTE AS PROVAS  
VAMOS BATER TODOS  
OS RECORDES



## Intermed 78

A INTERMED é uma competição poliesportiva que reúne todos os anos, dez escolas de medicina do estado, numa cidade do interior.

Já foram realizadas onze INTERMEDs tendo a nossa escola vencido 6 vezes e a nossa eterna rival, a Paulista, 5 vezes.

Este ano, a XII INTERMED terá como sede Mogi das Cruzes e será realizada no período de 2 a 9 de setembro.

Nossos maiores adversários para este ano são, sem dúvida, a Paulista, como sempre e a própria Faculdade de Mogi que vem com boas campanhas em anos passados e vai ainda jogar em casa, com o apoio de sua torcida.

Por isso, para conseguirmos mais um êxito este ano na competição, é necessário não só o empenho dos atletas, mas também um apoio maciço de nossa torcida. Teremos, como sempre, um alojamento exclusivo para nossos atletas e torcedores (há lugar para todos).

Vamos lá MEDICINA!! Vamos jogar, torcer e vibrar pelas cores da MED!!



## JOBS 78

Os Jogos Universitários Brasileiros são uma competição que reúne nas férias de julho atletas de Federações Universitárias de quase todo o país.

Este ano Curitiba sediou a competição, tendo o Estado de São Paulo ganhado a grande maioria dos esportes.

Da delegação que foi a Curitiba, a FMUSP contribuiu com os seguintes elementos: médicos: os doutores Carlos R. R. de Carvalho e Paulo M. Saldiva; Tesoureiro: José Tarcisio A.B. Reis; Diretor de Atletismo: Domingos M. M. Filho; Diretora de Handball: Elza M. Valadão; Diretora de Volleyball: Maria Flora de Almeida; Técnicos: Mar dilhe e Pimenta; Atletas: Joel Tedesco, Emílio Levin, Arnaldo J. Fernandes, Eduardo Valim do Val, Alberto Caputi, Marcos Mercadante, Virgilius J. Furtado, Nayra C. Penha, Celina Wakisaka, Claudia Sztejnshajd, Roberto Dineschalchi, Eduardo A. S. Vellutini.

# Greve no H.C.



## O HC PAROU - FUNCIONÁRIOS E MÉDICOS EM GREVE

Durante 9 dias o Hospital das Clínicas só funcionou com seus serviços de urgência: P.S., UTIs, em virtude da greve dos 1.200 médicos e 7.500 funcionários por melhorias salariais e de condições de trabalho.

Poucos acreditavam que o movimento reivindicatório, iniciado, ou melhor, discutido mais amplamente a partir de reuniões conjuntas entre médicos, funcionários, residentes e alunos pudessem culminar com a greve geral no hospital, devido ao descontentamento crescente de todos que trabalham no mesmo.

### CRISE DO HC

A tão propalada crise do Hospital das Clínicas que vem se agudizando nos últimos meses, não pode ser compreendida isolada de toda estrutura do setor saúde e da política salarial do governo, adotada nos últimos 14 anos.

A inexistência de uma política de saúde que tenha por finalidade atender as necessidades da maioria da população, que procure descentralizar a rede hospitalar, ampliar e melhor equipar os postos de saúde e melhor remunerar os profissionais da área, é uma constante ao longo desses anos e levou progressivamente à crise no setor da saúde, inclusive no HC, peça importante no esquema de saúde atual.

O INAMPS (antigo INPS) tem se caracterizado por não ampliar sua rede própria de atendimento, e por financiar com seus recursos (mais de 150 bilhões de cruzeiros) os hospitais de grupos privados que auferem lucros exorbitantes com seus serviços. Estes dois fatos têm contribuído para a deterioração do nível de atendimento, a diminuição dos salários dos funcionários e médicos e impossibilitando a racionalização dos recursos existentes.

A este fato soma-se a política salarial, levando a cabo no funcionalismo, onde os salários se encontram desvalorizados em 245% em relação ao aumento do custo de vida no período 72/76. No governo Natel, por exemplo, os funcionários ficaram 1 ano sem reajuste salarial sob a alegação de falta de verbas, enquanto obras faraônicas, como o Instituto do Coração, eram construídas; o que demonstra uma má distribuição de verbas.

Com o crescente descontentamento de todos os profissionais com a política governamental, vários movimentos reivindicatórios foram surgindo no setor saúde, envolvendo residentes, funcionários, médicos e estudantes, com a finalidade de defender seus legítimos direitos - salários e condições de trabalho condignos.

O avanço de todos os setores da sociedade na luta por suas reivindicações e por liberdades foi criando espaço político para que mais movimentos surgissem, reivindicando seus direitos. Neste processo é que a chapa Renovação ganhou as eleições para a diretoria do Sindicato dos Médicos, até então nas mãos dos donos de hospitais.

Este ano iniciou-se uma luta global dos residentes para a obtenção de um piso salarial melhor, por sinal iniciada aqui no HC, que obteve



importante vitória, com aumentos razoáveis. A partir de então vários movimentos de funcionários e médicos passaram a ocorrer com maior vigor, como é o caso do HC.

Os funcionários do HC que ganham menos do que os dos hospitais municipais e alguns privados, levantaram a bandeira de luta de 100% de aumento, o que está muito aquém da desvalorização sofrida - 245%. Os médicos descontentes com a estrutura administrativa do hospital e com salários aviltantes também iniciaram uma greve por 10 salários mínimos, piso definido nas assembleias do Sindicato dos Médicos como o mínimo necessário por um trabalho de 20 horas semanais. No Hospital do Servidor Público o mesmo processo ocorreu, levando à paralisação do hospital por mais de 20 dias.

No âmbito do ensino médico, estes fatos repercutiram de forma acentuada. Os baixos salários de funcionários, levando à evasão dos mesmos do HC, obrigaram a que internos, residentes e médicos exercessem funções que não são suas, em prejuízo de melhor treinamento, aprendizado e atendimento da população. Os poucos salários pagos aos médicos assistentes dão pretexto à sua não dedicação ao ensino, alegando que seu tempo é ocupado por vários empregos. Embora o aumento dos salários não resolva o problema da permanência dos assistentes nas funções de ensino, tal aumento facilitaria a exigência do cumprimento de suas funções e neste sentido o apoio dos alunos é importante para melhorarmos nosso ensino.

### AS REIVINDICAÇÕES DOS TRABALHADORES

A paralisação dos funcionários se deu após o estabelecimento de um prazo de 10 dias para que o governo respondesse a suas reivindicações de aumento de 100%, creche, alimentação e reclassificação. Mediante a postura intransigente do governo, foi declarada a greve como manifestação de descontentamento e contra o descaso das autoridades para com as reivindicações.

Muito embora a grande imprensa liberal, e outros órgãos de comunicação controlados ou a serviço do governo, tentassem jogar a opinião pública

ca contra os médicos e funcionários não conseguiu quebrar a unidade do movimento e a solidariedade da população para com os grevistas.

Todos sabem que é impossível viver com um salário de Cr\$3.000,00 sustentar família, escolas, conduções, alimentação, etc, e que os prejuízos que estes salários causam é infinitamente maior do que os decorrentes da greve.

Sabemos que no Brasil mais de 1000 pessoas morrem por dia, de fome, de doenças infecciosas e de inúmeras outras conseqüentes à subnutrição, todas relacionadas com péssimas condições de salário, saneamento e de vida em geral. O Brasil situa-se entre os primeiros países na lista de acidentes de trabalho, devido às precárias condições de segurança e excesso de trabalho. Portanto, a população sabe que estes movimentos são justos e que no fundo vão resultar em melhoria do atendimento médico.

As leis e atos que beneficiam os trabalhadores sempre foram conseguidos mediante as lutas dos mesmos. Por estes motivos, não fazem o menor sentido as declarações oficiais e da grande imprensa que acusam a greve de ilegítima. É necessário compreendermos que os funcionários e médicos do HC são parcelas da população que, como outras, têm visto seus direitos subtraídos e somente com sua luta constante conseguirão adquiri-

los.



### UMA TRÉGUA NA GREVE

O governo que se mostrava tão intransigente até então, dizendo não negociar nem 100% nem 1%, ameaçando com punições, invasões, enquadramento na Lei de Segurança Nacional, diante da unidade e firmeza do movimento reivindicatório de médicos e funcionários, resolveu mudar de tática. Com a mudança do mediador Péricles pelo mediador Pimentel, apresentado como homem aberto ao diálogo e disposto a ceder, acenou com uma perspectiva de solução do impasse. Numa reunião com representantes de médicos e funcionários dos 2 hospitais em greve, o Secretário da Justiça, Manoel Pedro Pimentel, apresentou as seguintes propostas de trégua:

- 1 - Volta ao trabalho no prazo de 24 horas;
- 2 - Abono de todas as faltas;
- 3 - Reposição de eventuais perdas financeiras dos grevistas, ocorridas no período de paralisação;
- 4 - Suspensão das punições anteriormente autorizadas (demissões, detenções, transferências, etc.);